



REINO UNIDO

O novo inquilino de 10 Downing Street

Andy Burnham, líder trabalhista e ex-prefeito da Grande Manchester, assume hoje como o 59º primeiro-ministro britânico. Especialistas avaliam os desafios à frente do governo e veem um político capaz de se conectar com os anseios do povo

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que for recebido pelo rei Charles III, nesta segunda-feira, o trabalhista Andy Burnham se tornará o 59º primeiro-ministro do Reino Unido desde 1721. Ex-prefeito da Grande Manchester, metrópole de 3 milhões de habitantes, Burnham sucederá Keir Starmer no comando da nação. A sombra do vaxame de seu partido nas eleições de maio — quando os trabalhistas perderam quase quatro vezes mais eleitores para os Verdes do que o Reform UK (de Nigel Farage) —, ele ganhou a alcunha de político acessível e pragmático.

Também de alguém capaz de se simpatizar com os cidadãos nos desafios impostos pelo cotidiano e na busca por melhores condições de moradia e saúde. Na sexta-feira, ao tomar posse como líder do Partido Trabalhista, adotou um tom conciliador e agregador, uma marca que pretende levar durante o tempo que permanecer como inquilino do número 10 da Downing Street.

Professor de política da Queen Mary University of London, Tim Bale aposta que Burnham será um melhor comunicador da mensagem do governo, em comparação com Starmer. “Vejo alguém que pode transmitir uma maior sensação de esperança e direção. Se isso será suficiente para tomar o governo bem-sucedido, é mais duvidoso: Burnham pode até ter uma ‘lista de tarefas’ diferente da de Starmer, mas a sua ‘pilha de pendências’ não será muito diferente”, afirmou ao **Correio**.

Bale aponta os principais desafios de Burnham no comando do Reino Unido. “Ele precisa fazer com que a economia cresça mais rapidamente; acelerar as melhorias no NHS (o sistema público de saúde britânico), especialmente no que diz respeito às listas de espera e aos tempos de espera nos serviços de urgência e emergência; e controlar a chegada dos imigrantes em pequenas embarcações e a situação dos ‘hotéis para requerentes de asilo’.

No plano da retórica econômica, Bale acredita que Burnham é mais crítico do neoliberalismo e mais aberto ao controle estatal. “Ele também mostra-se defensor de uma relação mais próxima com a União Europeia e de uma reforma eleitoral. Mas, falar é fácil! Teremos que ver se ele conseguirá passar das palavras às ações!”, concluiu o estudioso.

Toby Shephard/AFP



Andy Burnham sorri após ser confirmado líder do Partido Trabalhista, na sexta-feira: carisma e retórica

Eu acho...

"Andy Burnham não atrairá muitos dos eleitores de direita para apoiar o Partido Trabalhista, mas isso é muito menos importante do que reconduzir o partido à liderança do bloco progressista e de esquerda. O que poderia significar recuperar o apoio daqueles que votaram nos trabalhistas em 2024, mas que, desde então, migraram para o Partido Verde

Arquivo pessoal



ou deixaram de votar. Se ele conseguir isso, o Partido Trabalhista terá chances de emergir como a maior força política após a próxima eleição, ainda que a conquista de uma maioria absoluta possa estar fora de alcance."

TIM BALE, professor de política da Queen Mary University of London

Burnham precisará lidar com um cenário internacional instável e imprevisível. “Nós somos, hoje, particularmente dependentes dos Estados Unidos. Burnham também herdará uma economia que, basicamente, não cresce em um ritmo satisfatório desde 2008”, observou. Romper esse ciclo de 18 anos de estagnação será uma das principais tarefas do novo premiê. “Burnham é melhor comunicador do que Starmer e parece-me mais capaz de contar uma história convincente. No entanto, não temos ideia do que ele planeja fazer.”

Conexão

Para Anthony Glee, professor emérito da Universidade de Buckingham, a novidade será um primeiro-ministro capaz de se conectar melhor com o povo britânico. “Ele não repetirá a interminável lista de erros cometidos pelo antecessor (Starmer). Creio que Burnham tentará se apresentar ao próprio Partido Trabalhista como alguém

Personagem da notícia

Entre a política e a paixão pelo futebol

Andy Burnham, o novo primeiro-ministro britânico e um dos políticos mais populares do Reino Unido, segundo as pesquisas, tem o futebol como sua maior paixão. Torcedor fanático do Everton desde criança, chegou a afirmar que o clube era uma de suas maiores prioridades, acima até mesmo do Partido Trabalhista, ao qual pertence. “Depois da minha família, as três coisas mais importantes da minha vida são o Everton Football Club, o Partido Trabalhista e a Igreja Católica”, disse em uma entrevista ao *The Guardian* em 2009.

Formado em filologia inglesa pela Universidade de Cambridge, foi eleito deputado trabalhista em 2001 pelo distrito eleitoral de Leigh, no norte da Inglaterra, e deixou o Parlamento britânico em 2017, depois de vencer a eleição para prefeito da Grande Manchester. “Minha esposa é holandesa e vem de uma família apaixonada por futebol, o que ajudou bastante. Nos

conhecemos na universidade e ela tinha uma carreira muito mais promissora que a minha, mas teve que sacrificar tudo quando obtive a candidatura parlamentar por Leigh”, afirmou o político de 56 anos.

Durante os governos trabalhistas de Tony Blair e Gordon Brown, ocupou vários cargos importantes, incluindo o de ministro da Saúde. Seu salto para a Prefeitura da Grande Manchester transformou sua carreira política. A partir dessa posição, promoveu políticas nas áreas de transporte, habitação e saúde pública. Sua popularidade disparou, especialmente em 2020 durante a pandemia de covid-19, quando entrou em conflito público com o governo conservador de Boris Johnson sobre o financiamento para regiões sob rígidas restrições sanitárias. Essa disputa o tornou, para muitos, um símbolo do norte da Inglaterra, que exigia mais atenção e recursos de Londres.

TRAGÉDIA NOS ANDES

Terremoto no Peru deixa seis mortos e centenas de pessoas desabrigadas



AFP

Imagem divulgada pelo Ministério da Defesa: cada segundo importa

Um terremoto de magnitude 5,1 registrado no sábado, em uma região andina do Peru, deixou, até o fechamento desta edição, seis pessoas mortas, 32 feridos e centenas de pessoas desabrigadas, disse, na manhã de ontem, o primeiro-ministro Luis Enrique Arroyo, ao canal de televisão TV Peru. Um terremoto de magnitude 5,5 é considerado de intensidade moderada. Normalmente, não causa destruição em larga escala. Nessa faixa, o abalo pode ser sentido por um grande número de pessoas nas áreas próximas ao epicentro e causar danos leves a moderados em construções mais vulneráveis.

O tremor ocorreu às 21h24, hora local (23h30, horário de Brasília, no fim da noite sábado), a uma profundidade de 24 milhas, com

epicentro no distrito de Chongos Bajo, 300 km a leste de Lima, na região de Junín, informou o Instituto Geofísico do Peru (IGP).

Em entrevista à agência estatal Andina, o chefe da Defesa Civil (Indeci), Luis Vásquez, afirmou que as equipes ainda fazem o levantamento dos prejuízos. Segundo ele, há imóveis destruídos, residências danificadas e famílias que precisaram deixar suas casas em razão dos estragos. Houve ao todo cerca de 300 moradias afetadas e 48 foram destruídas.

O presidente peruano, José María Balcázar, afirmou, em entrevista à Rádio Nacional, que o governo respondeu imediatamente com “o envio de ajuda humanitária e a cooperação com as autoridades para atender as famílias afetadas e oferecer assistência urgente”.

Solidariedade

A presidente eleita, Keiko Fujimori, escreveu em suas redes sociais: “Lamento profundamente as consequências do sismo. Expresso minhas sinceras condolências aos familiares das pessoas que morreram e minha solidariedade com aqueles que foram afetados”.

Segundo o chefe do Instituto Geofísico do Peru (IGP) Hernand Tavera, em declaração à AFP, o sismo foi provocado pela reativação da “falha tectônica Altos del Mantaro”, localizada perto da cidade de Chupaca, em Junín. “Qualquer evento sísmico que ocorra próximo a essa falha vai produzir altos níveis de tremor do

solo”, explicou. Ainda segundo ele, depois do evento principal, o IGP registrou 12 réplicas, a maioria de baixa magnitude.

O Peru tem 34 milhões de habitantes e está localizado no chamado Cinturão de Fogo do Pacífico, que se estende ao longo da costa oeste americana e da costa leste asiática, e onde terremotos são frequentes e sentidos pela população. Por ano, somente no país, ocorrem pelo menos 400 terremotos de magnitude 4,0, dos quais cerca de 100 são sentidos pela população. Em 2007, houve o último, de magnitude 7,9, que causou consequências trágicas. O abalo atingiu a província de Pisco, na região de Ica, e deixou quase 600 mortos.